

Caderno I

REPLANTAÇÕES



Textos e poemas

Escritos por Juanielson A. Silva

Replantar

Introduzir na terra talos de manivas para gerar novos roçados.

Estes são alguns rastros de memórias deste coreocartógrafo que vos fala. Memórias já violadas, não mais tão reais quando os acontecimentos que elas narram. São desenhos, poemas, anotações e fotografias que fazem parte de meu acervo pessoal, em sua maioria, dos anos de 2017 e 2018, período de criação e apresentação do Rito Artístico Farinha poética. São abstrações do real e poesias da alma; minha nudez.

O Farinheiro e andorinha encantada. Replantação em conto por Juanielson A. Silva. Acervo da família, Concórdia do Pará – PA, entre maio e setembro de 2018.

Esta é a história de um farinheiro viajante, que há muito tempo tinha vontade de conhecer o céu. Seu desejo era tão grande que chamou atenção de uma andorinha encantada, que passou a observá-lo a vida inteira, esperando o momento certo para presenteá-lo.

Quando o Farinheiro completou 17 anos, a Andorinha encantada apareceu e disse a ele que realizaria seu desejo, mas com uma condição: ao partir, abandonaria tudo que amava e nunca mais voltaria. Concordando com tal condição, montado nas costas da andorinha, ele partiu para longe de suas terras em direção ao céu. Voou alto, tão alto que chegou além das nuvens. Lá em cima, teve duas das mais lindas visões de sua vida: a infinitude do céu e a imensidão da terra.

Por longos anos permaneceu ali, aprendendo sobre a noite, sobre o dia, sobre as tempestades e os arco-íris. De longe, ele via a vida ir e voltar em seus mais diversos ciclos, porém quanto mais o farinheiro aprendia sobre o céu e sobre mundo dos outros, mais desconhecia o seu, porque ali ele estava só e longe das pessoas que amava.

Em súplicas, cansado de saber muito sobre tudo e pouco sobre si, preenchido de uma saudade inimaginável e uma solidão incontável, pediu à andorinha que o levasse de volta até a porteira que demarcava a entrada no terreno de sua casa de farinha. A andorinha, contudo, o advertiu. Era preciso que o farinheiro lembrasse de sua condição: Não era permitido retornar.

Ainda assim, ele insistiu. Disse ao pássaro que seus conhecimentos não seriam usados para o mal, mas para ajudar aqueles que precisavam enxergar para além das fronteiras de suas próprias visões, e prometeu que um dia retornaria para fazer companhia à andorinha, mas dessa vez como seu semelhante.

Convencida da lealdade do farinheiro, os dois retornaram, mas, a partir do momento que pisasse no chão de suas terras, o farinheiro não mais contaria com a ajuda da andorinha, pois precisaria por conta própria transforma-se em encantaria.

A margem. Replantação em texto por Juanielson A. Silva. Acervo da família, Bujarú – PA, novembro de 2017.

No meio do rio, a balsa navega. Entre uma margem e outra, cá estou eu escrevendo sobre as viagens que faço à minha cidade, sete anos depois que sai de lá, em um retorno ao meu lar, em uma jornada poética e acadêmica, jornada do corpo e do espírito, em um reencontro do ser.

Um barco some no horizonte. “Para onde vão? Vender farinha? Para escola? Passear? Ou como eu, estão a voltar para casa?” - questiono-me.

Em uma das margens, na que abandonei, em uma palafita, dois caboclos olham para a balsa a atravessar. Corpos negros, afro-amazônicos parados ali em pé, olhando a balsa atravessar. “O que se passa naquelas mentes do outro lado?” - questiono-me.

O barco some no horizonte.

Na outra margem, a que fui em busca, outras histórias. O rio é uma separação. Atravessá-lo é atravessar a mim mesmo.

Na outra margem, um outro eu atravessado de passado. Em passagem. O rio é uma paisagem.

Na outra margem, Bujarú, cidade onde os carros e as motos agenciam sua própria dança do trânsito. Não tão diferente de Concórdia.

Na outra margem, a genuína cabocla paraense. Mulheres negras, de estatura baixa, com traços indígenas e cabelos pretos e longos. Lembram minha mãe.

Na outra margem, estou dentro de mim e me vejo em espelhos. Seguimos...

Passo pelo local onde costumava vender farinha com meu padrinho quando, durante minha infância, vinha passar as férias na casa dele, no interior de Bujarú: A feira.

Mato, fazenda, mato, uma vila, mato, uma igreja, um campo de futebol e uma pequena escola, outra vila, mais mato. Assim o caminho entre Bujarú e Concórdia se faz.

Passageiros descem no meio do nada. “Nada?” - questiono-me - “Nada para mim. Tudo para eles. Estas são as casas deles.”

Se embrenham em pequenos caminhos que atravessam as matas da beira da estrada: os ramais. O que há do outro lado do caminho?

“Para na boca do Ramal, motora!” - grita um senhor prestes a descer - “Até que enfim cheguei na minha casa. Não tem coisa melhor que morar no interior. Na cidade grande tem muita confusão e barulho, não tenho mais idade para isso.” - Ele completa.

Na frente, em uma das casas na beira da estrada, há um forno de farinha encostado na parede. Praticamente um item decorativo que revela a morada de uma família de farinheiros. Seguimos...

Desço na praça da cidade e caminho até minha casa. A cidade é pequena, caminhar ou andar de bicicleta muitas vezes são as melhores opções.

Estou chegando em casa e, como de costume: festa. A cena se repete como um ritual de recepção: Ainda longe, na esquina, avisto meus sobrinhos correndo em minha direção, já perdi a conta de quantos são, umas 6 ou talvez 7 crianças que sempre fazem barulho na rua quando estou chegando.

“Lá vem o Tio Nielson!” - elas gritam.

A Chegada. Replantação em texto por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Concórdia do Pará - PA, novembro de 2017.

Abraço-as, aceno para os vizinhos e entro em casa.

À noite, homens brigam no bar da vizinha. “Quando a Edna abriu um bar?” - eu me questiono - “lembro que a Andreia, sua filha, estava fazendo uma faculdade que abriu recentemente aqui na cidade e que funciona aos finais de semana, será que ela está indo bem?”

Pela manhã, uma carreata de crianças e adolescentes montados em suas bicicletas passa pela rua. Elas gritam e sorriem. Parece o início de uma revolução.

É chegada a hora de ir ao terreno onde meus pais preparam a farinha de mandioca. Terreno do seu João, carinhosamente chamado de seu Kito, e da Dona Neuza, amigos da família que permitem que meus pais produzam em suas terras e, como ‘moeda de troca’, dividem a produção meio a meio. Um tipo de escambo.

Adentrar este terreno é colher também lembranças de minha infância, de quando eu produzia farinha no terreno de meu avô junto ao restante de minha família, é também refletir sobre tudo que já vivi até aqui, é rememorar minha trajetória.

O mato. Replantação em texto por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Concórdia do Pará - PA, novembro de 2017.

Eu estou deixando as sandálias do lado de fora, antes da porteira que demarca a entrada do terreno. Estou voltando para casa. Para minha casa de farinha. Voltando ao passado para falar do presente e materializar o futuro. Aqui, eu (me) mato.

O silêncio dentro de mim se confunde com o assovio que chama o vento. O mesmo silêncio que anuncia uma tempestade. Está na hora de entrar e, dessa vez, sozinho.

É preciso adentrar o mato e, antes disso, é preciso pedir licença, porque essa jornada será um verdadeiro complexo de atos de coragem e para completa-la, precisarei da aprovação de quem já está dentro do terreno. É preciso respeito, devoção, fé, entusiasmo, devaneio e coragem.

O Curumim e a mata. Replantação em poema por Juanielson A. Silva. Acervo da família.

Belém do Pará - PA, abril de 2018

*O poeta adentrado no mato encontra seu curumim,
e brinca curumim no meio da mata
Lá ele encontra Seu Jane e Dona Maria,
encontra quem já sabia
das histórias de antigamente
as histórias que seus pais arduamente
viveram para lhe contar.*

Queimar. Replantação em poema por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Concórdia do Pará -PA, abril de 2018.

*Neste roçado há uma queimada,
Ação de destruição
Que torna cinzas o meu passado
E derruba toda e qualquer ilusão.
São Cinzas de outros preparos.
Cinzas que servem de alimento
Brasas que lembranças disparam
E que queimam os meus sentimentos.
Eu caminho entre as memórias
Na coivara dos meus amores.
Eis aqui minhas histórias
De sorrisos e de dores.
Coivara que queima,
limpa, esfumaça e purifica.*

Queimar 2. Replantação em texto por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Concórdia do Pará - PA, junho de 2018.

É mês de férias, estou passando um tempo mais extenso em minha casa e, por conta disso, vivenciando uma sequência de acontecimentos que demonstram o que acredito ser uma queimada de paradigmas: são discussões sobre dogmas religiosos, educação, afeto e outras tantas questões ausentes ou 'enraizadas' em minha família.

*Os acontecimentos mais singelos ocorrem no **Encontro de corpos e terapia**, evento que organizei na rua de Casa para promover atividades de lazer para a comunidade. O evento dura dois dias e conta com a participação de crianças, jovens e adultos de meu bairro, incluindo a participação de meus pais e meu primeiro professor de dança.*

Mediada por mim, fazemos uma roda de conversa de aproximadamente 3 horas, na qual dialogamos sobre a emergencialidade de uma educação do afeto e da partilha em nossos lares e nos ambientes de produção artística, partindo essencialmente das experiências das pessoas que participam da roda.

Compartilho com eles fundamentos educacionais e de arte-educação que estudei e experienciei em Belém do Pará, como os estudos sobre Paulo Freire e as vivências com Dança Imanente na Companhia Moderna de Dança.

Tenho ciência que um evento de apenas 6 horas jamais seria capaz de mudar um sistema educacional/familiar firmado em uma tradição domesticadora, como observo em muitas situações na comunidade, mas acredito fielmente que microações como estas são extremamente relevantes para iniciar processos de reflexão e autocrítica nas pessoas que se permitem viver tais experiências.

“Hoje eu estou aprendendo com ele. Meu próprio filho me ensinando sobre a vida.” - disse minha mãe no momento de sua apresentação enquanto participante do evento.

“Eu tenho 51 anos e estou aqui para aprender e compartilhar, porque nunca se é velho demais para aprender” - Disse meu primeiro professor de dança.

*Estas falas me alimentam enquanto ser humano e ratificam meu entendimento sobre o ato de **queimar o passado e torná-lo cinzas**. Pois acredito que somente depois de queimar velhas árvores, seremos capazes de plantar novos roçados.*

Neste encontro, conheço facetas das histórias dos meus pais e de meu professor, que até então me eram desconhecidas, que me permitiram fazer uma análise e compreender alguns aspectos da personalidade deles, até mesmo de meus

irmãos que, com exceção do mais novo (que desde de maio de 2018 me acompanha em meus trabalhos), não estavam presentes no evento.

Tanto meu pai quanto minha mãe assumiram responsabilidades familiares muito cedo, fato que se naturalizou na família e reverberou para meus irmãos. Meu pai saiu de casa aos 12 anos de idade, pois não conseguia conviver com os atritos entre seu pai e madrasta, o que fez com que ele fosse criado por outra família e assumisse responsabilidades de adulto quando ainda adolescente. Minha mãe, ainda criança (ela não se recorda exatamente a idade), ficou órfã, culminando na necessidade de criar seus outros três irmãos. Meus três irmãos mais velhos tiveram seus primeiros filhos ainda na adolescência e, por conta disso, largaram os estudos no meio do caminho e também assumiram grandes responsabilidades cedo.

Tenho tentado “arrancar essa árvore e queimá-la” na construção histórica familiar, fazendo com eles reflitam sobre suas próprias trajetórias, pois acredito que seja necessário pôr fim a este ciclo de martírio, abandono e “prematuridade”.

Visita ao meu avô. Replantação em texto por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Concórdia do Pará – PA, julho de 2018.

Corpo frágil, movimentos lentos, o tempo adentrou esta casa e a velhice em seus ossos não é a mesma velhice que penetra minha alma. Quantas jornadas cabem no coração de um velho farinheiro?

O medo da solidão e de partir está estampado em seus olhos, que mal veem o que está a sua frente. Deitado em uma cama, ele respira fundo ao ouvir tantas vozes em sua sala, uma lagrima escorre pelo canto dos olhos, eu limpo e digo:

Vai ficar tudo bem, vô.

Quem é?

Sou eu, Vô, o Nielson.

Oi, meu filho, eu estou tão feliz que vocês tenham vindo. Eu tenho medo de ficar sozinho.

O senhor não precisa ter medo de nada. Nunca estará sozinho.

Eu tenho tanto medo de morrer, meu filho.

Não há motivos para ter medo, vô, estamos nesse mundo para aprender e seguir nossos trajetos. Olha quantas coisas boas o senhor fez pelo mundo, quantos ensinamento o senhor partilhou, quantas sementes plantou. Hoje todos os seus filhos são adultos, geraram famílias lindas e fortes. Não sei se o senhor sabe, mas hoje eu

sou professor, ensino e aprendo com as pessoas, sua outra neta, A Ridna, terminou recentemente a faculdade dela, e os outros netos são pais de família, jovens trabalhadores, ou estão aí construindo seus futuros. O senhor fez bastante coisa.

Eu sei, meu filho.

Claro, ainda temos muito a aprender, mas essa é nossa jornada, não é responsabilidade sua, tudo o que o senhor podia fazer por nós, o senhor fez. E nós somos muitos gratos por isso.

Meu filho, vejo uma casa pegando fogo e estou dentro dela. O fogo queima tudo e eu não posso fazer nada para apagar. Tudo que eu construí na minha vida está sendo apagado pelas chamas.

Mas o fogo nem sempre é algo ruim, vô. As vezes ele é o elemento que purifica nossa alma, que serve para nosso plantio. O senhor não vê no preparo da farinha? O fogo é quem queima o terreno para fazer o roçado e sem o fogo da lamparina, antigamente, não teria luz a noite.

Todos os elementos têm esses dois lados. O ruim e o bom. A água, por exemplo, serve para molhar as plantas, mas se chover demais, acaba alagando tudo e estraga a plantação. - Diz meu pai, que estava em pé do lado da cama ouvindo nossa conversa.

De fato, todos eles são assim, o fogo, a água, o vento e a terra também.

Nesse ponto da conversa, meu avô já está mais calmo, e fala tranquilamente sobre sua história de agricultor. Então conto-lhe a novidade sobre o mestrado em

artes e sobre minha pesquisa com o preparo da farinha de mandioca e eis que ele abre um leve sorriso e diz:

“mas o agricultor não é somente farinheiro, ele precisa saber fazer um pouco de tudo, porque a gente não planta só mandioca”

Ensaio para o Rito artístico Farinha poética. Replantação em texto por Juanielson A. Silva.

Acervo da família. Belém do Pará - PA, abril de 2018.

A farinha vai ao forno: chego no coreto e encontro lixo, fezes, espalhados. Preciso limpar para ensaiar. Poças de água se formam nos desníveis do chão. Seria um sinal? Fedor de mijo.

As pessoas que transitam olham assustadas, algumas param e perguntam o que estou a fazer. Devem achar que sou louco.

Apesar de limpar aquele coreto, resolvo mudar para o outro.

Será que essa rotina na praça será constante até que eu encontre um lugar próprio de ensaio?

Lembrei-me que meus pais também não têm terreno próprio para produzir farinha, e por conta disso, produzem no retiro do seu João (seu Kito) e da Dona Nelsa.

Ensaio para o R.A.F.P. Replantações em texto e desenho por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Belém do Pará – PA, abril de 2018.

*Terra - cura - velha arvore -
transcender - transformar -
transfigurar - corpo - madeira - barro -
forno.*

*O meu umbigo está enterrado aqui e suas raízes
se espalham pelo solo da cidade.*



O forno. Replantações em poema por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Belém do Pará – PA, abril de 2018

*Me enterra nessas terras áridas onde meus antepassados vivem,
pois preciso morrer para que nasça outro homem.
Sou uma árvore velha que habita um corpo novo,
Madeira podre que serve de adubo,
Maniva antiga que pode dar fruto a um novo roçado.
Eu preciso me restaurar, ressignificar, me curar e transmutar
E nesse ato de cura primeiro morrerá meus braços,
depois minhas pernas, em seguida meu tronco e por último a minha cabeça.
E depois de enterrado, em ordem reversa, eu renascerei,
desta vez, outro homem, já curado de todas as dores deste mundo.*

Dança contemporânea? Replantação em texto por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Belém do Pará - PA, entre agosto e novembro de 2017.

- Este é Juan, ele faz Dança contemporânea.” - é o que eles falam.

Dança contemporânea? Por que eles dizem que faço dança contemporânea? O que caracteriza a minha dança como contemporânea? Ou ainda, o que caracteriza as outras danças como não contemporâneas?

- Dança contemporânea? - Os outros indagam.

Quando me fazem essa pergunta, particularmente, tenho receio quanto a dizer que faço essa dita dança contemporânea. Tenho por que não sei se realmente a faço, pelo menos não como o termo “Dança contemporânea” é empregado nesses habituais questionamentos.

- Dança contemporânea? - Eu respondo - Acredito que, a dança que tenho feito esteja longe deste termo, não da contemporaneidade, mas “Dança contemporânea”, porque quando falam, me parecem estar falando de um método ou de um gênero de dança, quando a dança que faço não tem a pretensão de ser um.

Por fim, questiono a mim mesmo, intimamente:

“Contemporânea? Talvez nós não façamos “Dança contemporânea”. Talvez façamos apenas dança. Simplesmente dança. A dança como ela se apresenta para cada processo de criação, sem método ou técnica pré-estabelecida, sem movimentos codificados ou rotulados a ponto de fazer a arte se comparar com um esporte, ou

como qualquer lugar de investigação outro que não seja a própria arte. Não que eu apague todas as técnicas que experimentei ao longo da vida, está tudo aqui, em meu corpo: A quadrilha moderna, a dança afro, o ballet, o jazz, as danças urbanas, a dança moderna, o carimbó, o brega, o treme e tudo mais, mas para cada processo criativo tudo é triturado, como as mandiocas duras que são trazidas diretamente do roçado, misturadas as mandiocas moles trazidas do igarapé e jogadas ao moedor.

O que surge dessa mistura é uma massa de formas diferentes das habituais massas já produzidas por mim, uma massa própria para àquele preparo, com cor e cheiro híbridos das mandiocas duras e das mandiocas moles. Uma identidade singular e marcada pelo território e pela temporalidade onde está sendo preparada, bem como pela identidade cultural, pelo imaginário e pela memória de quem a prepara. Marcada por quem sou. É, meu caro, talvez, eu não faça “Dança contemporânea”, não enquanto um gênero ou um método, acredito fazer algo diferente disto, talvez eu faça uma dança atravessada por pensamentos contemporâneos e não “Dança contemporânea”, talvez eu faça dança como uma estratégia de vida.

Corpo em processos [criativos]. Replantação em poema por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Belém do Pará - PA, entre agosto e novembro de 2017.

*Ainda que voz, corpo
Ainda que alma, corpo
Objeto, suporte, entidade,
Mas ainda corpo.
Ainda que metáfora, corpo
Sublime ou feroz, corpo
Afeto, obra, fisicalidade,
Mas ainda corpo.*

Carta para meu avô. Replantação em texto por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Concórdia do Pará - PA, 12 de agosto de 2018.

Primeiro eu quero te agradecer, agradecer por nossa conversa anterior a essa, pelas tuas sábias palavras. Pela tua história.

Te agradecer por dar vida ao meu pai e por estar próximo dele todas as vezes que pudeste. Sei que em algum momento tu deves ter te culpado pelas falhas que cometeste, mas não há motivos para se culpar, seu Manoel. Pois quem nessa vida não comete erros? Somos espíritos em desenvolvimento.

E por falar em erros e em vida, queria me aprofundar nesses temas contigo.

Ingenuamente nós achamos que o erro é uma falha, mas não é. O erro é uma aprendizagem, um procedimento que todos necessitamos vivenciar para evoluir enquanto seres humanos. É o erro que te torna todo dia melhor do que fostes anteriormente, em outros dias. É errando que a criança aprende as coisas mais simples, mas mais importantes da vida e é por isso que não devemos deixar nosso espírito infantil envelhecer, porque não existe idade certa para aprender a viver. Pelo contrário, continuaremos aprendendo até nossos últimos dias nessa terra, e há quem diga que até mesmo depois deles. Somos eternas crianças em processo de aprendizagem.

E no que tange a vida, eu te pergunto: o que de fato importa?

Certamente não são os bens meterias, porque disso daqui nada levaremos. O que levamos é o que está em nossa mente, escrito em nosso espirito. Tudo o que aprendemos, inclusive com os erros.

Outra coisa que importa, é a terra e o cuidado que tens com ela. O cuidado com teu chão, com tua família, com teus filhos. Porque essa sim é tua estrutura, tua casa de farinha. Teu retiro, o forno onde prepara o melhor que existe em ti para compartilhar com o mundo. Eles são a tua farinha. Farinha do mesmo saco. Farinha da baguda.

E certamente tu torraste essa farinha no ponto certo.

O que de fato importa é o fogo que alimenta tua alma, queima teu roçado, limpa teu espirito, queima as coisas ruins do passado e te prepara para novas etapas, novas colheitas.

A água que escorre entre teus dedos dos pés, que lava do teu corpo as cinzas, te purificando e mostrando que também és parte da natureza.

A mesma água que sacia tua sede, sede de conhecimento. Porque aprender é o que realmente importa. Aprender com a vida como quem ouve histórias de uma mãe dentro do curral de mandiocas no igarapé.

Além disso tudo, outra coisa que muito importa é o desprendimento.

Quando nos desprendemos da matéria, do corpo, do objeto, do dinheiro e de outras infindáveis coisas que acreditamos ser a razão total de nossa existência, nós

nos percebemos em paz. Porque tudo que de fato importa nesta vida não foi feito para ficar conosco, para nos pertencer.

Essas coisas foram feitas para serem compartilhadas e, quando finalmente compreendemos isso, e começamos a compartilhar sem esperar nada em troca, perdemos o medo de continuar nossos processos.

Por fim, quero te falar da coisa que, talvez, seja a mais importante em nossas vidas, que são as sementes que espalhamos pelo vento. Os ensinamentos em torno do amor, sobre o altruísmo e a empatia que teus filhos, netos e bisnetos devem inscrever nas vidas de outras pessoas, assim como tu escreves nas nossas. As Palavras que confortam, que guiam e iluminam. Essas sim são coisas que de fato importam e que, se cumpridas, da forma mais natural possível, sem medo, tornam a vida de um ser humano mais digna de se viver.

Por isso, seu Manoel, mais uma vez eu te agradeço.

Obrigado por nos ensinar a espelhar sementes, a replantar.”

Sinais de vida. Replantação em texto por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Belém do Pará

- PA, abril de 2018.

Não se apaga o passado, não se queima ele por completo, são algumas convicções dele que precisam vir abaixo e inflamar para serem ressignificadas em um processo metamórfico de renascimento. Queimar o passado sabendo que ele irá se transformar em cinzas. E cinzas, em alguns casos, são sinais de vida.

Desencontro e reencontro. Replantação em texto por Juanielson A. Silva. Acervo da família.

Concórdia do Pará - PA, novembro de 2017.

Enquanto organizava o projeto de pesquisa, muitas lembranças sobre o preparo da farinha de mandioca me vieram à mente, uma vez que cresci em meio a essa realidade. Assim sendo, elaborei mentalmente um pequeno roteiro do que poderia acontecer durante esta visita a minha família, contudo, sou pego de surpresa em muitos momentos, pois o preparo não acontece como outrora em minha infância.

Por exemplo, esperava ver as mandiocas serem retiradas do igarapé, como costumava ser em minha infância, porém desta vez, as mesmas estão de molho em baldes grandes, alguns improvisados com máquinas de lavar em desuso, o que de certa forma me deixa frustrado, pois gostaria muito de fotografar este acontecimento típico do preparo de farinha de mandioca que foi, inclusive, gerador de meu projeto de pesquisa. Porém, o acaso me presenteia com um acontecimento semelhante, algo também vivenciado com frequência em minha infância: Minha mamãe banha no igarapé meus sobrinhos, os seus netos, exatamente como costumava fazer comigo e meus irmãos quando éramos crianças.

Posso não ter visto ela tirar as mandiocas da água, mas vejo algo tão potente quanto para a criação de uma coreografia.

Liquidifique ou igarapé. Replantação em texto e desenho por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Belém do Pará PA, entre agosto e novembro de 2017.

*O corpo é água
Gotas de chuva
Vala corrente
Que limpa, que suja
Experiências que a vida deixou.
O corpo é palavra,
Verso que desnubla
Mil torrentes
Fleumáticas em curvas
Que refazem os
tempo realizou*

*O corpo é água de igarapé
Que dá alimento e sacia
A sede dos irmãos de mani,
Berço que a natureza criou.
O corpo é palavra sem ré,
Contínuo em espiral e meia,
rede das almas em devir,
desordem que a existência
materializou.*



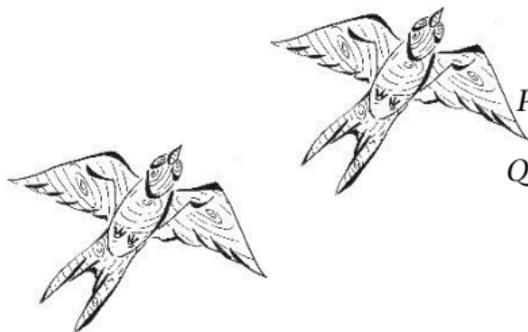
Minha mãe fala sobre “A feira”. Replantação em texto por Juanielson A. Silva. Acervo da família.

Concórdia do Pará – PA, julho de 2018.

Conversando com minha mãe hoje sobre bondade e compartilhamento, ela me falou sobre como o ato de partilhar comida faz bem para ela, pois alimenta quem precisa e gera reciprocidade, de tal forma que, se assim fizermos, quando precisarmos, sempre encontraremos quem nos alimente, pois é um efeito causado pela natureza de nossos atos: a bondade. Não que façamos o bem esperando retorno de alguma forma, fazemos porque isso nos torna seres humanos melhores, mas fazer o bem, neste caso, compartilhar alimento, gera naturalmente o senso de comunidade. Por isso, para mim, partilhar dança/arte é alimentar ao outro e a mim mesmo.

“Se um vizinho meu chegar em casa com fome e tiver pelo menos farinha na minha cozinha, com fome ele não vai mais ficar”

Andorinhas. Replantação em poema e desenho por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Belém do Pará – PA, abril de 2018.



*Andorinha, andorinha
Me ensina a sair da ilha
Me ensina a voar para longe do meu lar
Me ensina
a voltar para casa
Me ensina alongar, abrir as minhas asas.
E quando eu sair quero ir devagarinho
Para quando eu voltar, voltar bem de fininho
Refrão (2x)
Querida Andorinha me ensina a sair do ninho
Carrega nas tuas asas esse caboquinho*

*Chegada de meu irmão mais novo em Belém do Pará | Jardel torna-se uma andorinha.
Replantação em texto por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Belém do Pará – PA, abril de
2018.*

Eu lavei minha alma ao pular para a chuva e te trazer junto. Eu sei que é insano querer que alguém pule no rio sem nunca nem ter mergulhado em um igarapé, mas eu preciso que você confie em mim. Eu serei tua canoa. Eu serei rio contigo.

Senta-te aí, vamos tomar uma cerveja, vamos falar de amor, dos sonhos, da arte, das viagens e desse mundão que tão pouco conhecemos, vamos planejar nosso porto seguro e aprender a remar juntos. Deixa-me ser tua oca, ser teu abrigo, meu amigo [meu irmão].

Acidente de meu avô. Replantação em texto por Juanielson A. Silva. Acervo da família.

Belém do Pará – Concórdia do Pará - PA , dezembro de 2018.

É a semana de apresentação do Rito artístico farinha poética. Terça-feira. Meu avô, que já estava debilitado, cai na frente de sua casa faturando um dos ossos da perna esquerda. Ele, acompanhado de meu pai, vem para Belém do Pará. Ele precisará fazer uma cirurgia e, em seu estado atual, é arriscado. Não sei muito bem como lidar com a situação, ainda mais em plena semana de apresentação do trabalho que é atravessado por ele e pelo pai.

Decido continuar a organização do evento, pois estando em Concórdia, também conseguirei ajudar nas demandas de minha casa, na ausência de meu pai.

Quinta-feira. Meu avô vai para UTI...

Porém, tudo ocorre bem. Na sexta, ele já está de volta a sua casa em Concórdia, todavia impossibilitado de sair e ir assistir o Rito Artístico Farinha Poética.